



**Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

**Violência em Relacionamentos Homoafetivos Femininos: Uma
Perspectiva Psicanalítica**

Ana Laura de Souza Macêdo
Laura Martinez Yano Barcelos
Katya Alexandrina Matos Barreto Motta

Goiânia, 28 de maio 2026

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo compreender a violência em relacionamentos homoafetivos femininos a partir de uma perspectiva psicanalítica, buscando identificar os principais tipos de violência presentes nesses vínculos, suas consequências subjetivas e os fatores relacionados à sua invisibilidade social e institucional. Trata-se de uma revisão integrativa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, realizada a partir de buscas nas bases CAPES, SciELO e Semantic Scholar, complementadas por busca livre no Google Acadêmico. Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2025 que abordam diretamente a violência em relações afetivo-sexuais entre mulheres. Após os critérios de seleção, quatro estudos compuseram a síntese qualitativa. Os resultados evidenciaram que a violência em relações homoafetivas femininas permanece marcada por invisibilidade, subnotificação e dificuldades de reconhecimento social e institucional. Observou-se predominância da violência psicológica, expressa por dinâmicas de controle, manipulação emocional, dependência afetiva e dificuldade de reconhecimento da violência pelas próprias vítimas. A discussão, fundamentada principalmente em Freud, Lacan e Kuss, possibilitou compreender que a permanência em vínculos violentos envolve processos inconscientes relacionados à ambivalência afetiva, ao medo da separação, à falta e à solidão estrutural. Conclui-se que a violência em relacionamentos homoafetivos femininos constitui um fenômeno complexo, ainda pouco explorado na literatura científica.

Palavras-chave: *violência conjugal; relações homoafetivas femininas; psicanálise; violência psicológica; mulheres lésbicas.*

Abstract

This study aimed to understand violence in female same-sex relationships from a psychoanalytic perspective, seeking to identify the main forms of violence present in these relationships, their subjective consequences, and the factors related to their social and institutional invisibility. This is an integrative literature review with a qualitative and exploratory approach, conducted through searches in the CAPES, SciELO, and Semantic Scholar databases, complemented by a free search on Google Scholar. Articles published between 2018 and 2025 addressing violence in affective-sexual relationships between women were included. After the selection criteria, four studies composed the qualitative synthesis. The results showed that violence in female same-sex relationships remains marked by invisibility, underreporting, and difficulties in social and institutional recognition. Psychological violence was predominant, expressed through dynamics of control, emotional manipulation, affective dependence, and difficulty recognizing violence by the victims themselves. The discussion, mainly grounded in Freud, Lacan, and Kuss, made it possible to understand that remaining in violent relationships involves unconscious processes related to affective ambivalence, fear of separation, Lack, and structural loneliness. It is concluded that violence in female same-sex relationships is a complex phenomenon that remains underexplored in the scientific literature.

Keywords: *intimate partner violence; female same-sex relationships; psychoanalysis; psychological violence; lesbian women.*

Introdução

Por muitos anos, a violência conjugal foi compreendida como um assunto restrito ao espaço íntimo da família, sendo tratada como uma questão particular. Com o tempo, entretanto, esse entendimento passou por transformações, e o fenômeno começou a ser reconhecido como um problema social, demandando atenção pública e políticas de enfrentamento. Ainda assim, as interpretações sobre essa forma de violência não são homogêneas, pois variam conforme os contextos históricos, as perspectivas ideológicas e os valores culturais predominantes em cada sociedade (Sousa, 2020).

A conceitualização de violência conjugal abrange diversos significados, sendo compreendida como qualquer comportamento praticado por um dos parceiros com a intenção de exercer controle, poder ou dominação sobre o outro, estando integrada à realidade de muitos lares, assumindo formas como violência moral, atos sexuais forçados e violência patrimonial, sendo indicado também, em estudos, que a violência física frequentemente é precedida por episódios de violência psicológica, configurando um histórico anterior de agressões dessa natureza (Colossi & Falcke, 2013). Pode ocorrer com qualquer pessoa, independentemente de seus marcadores sociais, podendo a vítima, inclusive, chegar ao óbito.

No que se refere às relações homoafetivas, Grossi (2000) afirma que “a violência doméstica é resultado de complexas relações afetivas e emocionais, não restritas ao âmbito da heterossexualidade, podendo também ocorrer em relações afetivas envolvendo duas mulheres ou dois homens” (p. 304). Essa visão amplia o debate ao romper com a ideia de que a violência conjugal se limita a relações heterossexuais.

Apesar disso, os levantamentos nacionais sobre violência doméstica foram, historicamente, estruturados a partir de uma lógica heterocisnormativa, centrada na figura do homem como agressor e da mulher como vítima. Essa perspectiva contribuiu para a redução

da visibilidade de arranjos conjugais entre pessoas do mesmo gênero, dificultando o reconhecimento e a produção de dados sobre essas vivências (Pasini & Terto Jr., 2019; Prado & Machado, 2021).

No contexto brasileiro, a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, representa um marco jurídico fundamental no enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher. Segundo seu artigo 5º, a violência doméstica é entendida como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial no âmbito da unidade doméstica, familiar ou em qualquer relação íntima de afeto, independentemente de orientação sexual. Embora a lei tenha sido elaborada com base em situações heterossexuais, sua redação contempla todas as mulheres, sendo aplicável também às relações homoafetivas femininas, um aspecto reconhecido pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011, que validou a união estável entre pessoas do mesmo sexo e ampliou a proteção jurídica às mulheres lésbicas e bissexuais.

A violência em casais de mulheres não pode ser interpretada pelos mesmos parâmetros utilizados para casais heterossexuais, já que envolve fatores específicos como desigualdades simbólicas, impactos da lesbofobia internalizada, experiências de apagamento social e disputas relacionadas ao reconhecimento identitário (Ristock, 2002; Donovan & Barnes, 2019). Nesse sentido, a psicanálise apresenta contribuições relevantes para a compreensão da violência ao investigar os processos intrapsíquicos relacionados à agressividade humana e ao funcionamento psíquico do sujeito violento (Nardi & Benetti, 2014).

A partir dessa perspectiva, a compreensão da violência conjugal passa pela análise de como o vínculo amoroso se constitui. Jacques Lacan, surge dos seus estudos da psicanálise e propõe a compreensão do desejo como aquele que ocupa um lugar central na constituição da vida psíquica, sendo compreendido como estruturado a partir da falta e mediado pela

linguagem. O sujeito se constitui no campo do Outro, de modo que seu desejo se organiza em relação às demandas, significações e expectativas que emergem no espaço simbólico (Lacan, 1998). Nesse contexto, o parceiro amoroso pode ser investido como um lugar privilegiado de reconhecimento e sustentação subjetiva, funcionando, muitas vezes, como tentativa de responder à incompletude estrutural que marca o sujeito.

Além disso, compreende-se que o amor se constitui como uma forma de endereçamento ao Outro, na qual o sujeito oferece aquilo que não tem, buscando, no parceiro, uma resposta à sua própria falta (Lacan, 1992). Nessa lógica, o vínculo amoroso é atravessado por idealizações e projeções inconscientes, sendo a idealização entendida como o processo pelo qual o sujeito atribui ao parceiro qualidades e características idealizadas, elevando-o à condição de objeto capaz de satisfazer seus anseios e expectativas (Freud, 1914/2010). Já a projeção refere-se ao mecanismo psíquico por meio do qual sentimentos, desejos ou aspectos do próprio sujeito são atribuídos ao outro, que passa a ocupar o lugar de depositário desses conteúdos inconscientes (Freud, 1911/2010). Dessa forma, tende-se a atribuir ao parceiro a função de garantir segurança, estabilidade e sentido à própria existência.

A releitura da sexualidade proposta por Jacques Lacan desloca a diferença sexual do campo biológico para o campo simbólico, compreendendo o sujeito como constituído pela linguagem e pela relação com o Outro. Nessa perspectiva, o desejo é fundado pela falta estrutural, e os vínculos amorosos organizam-se em torno da busca por um objeto que responda, de forma sempre parcial, à experiência da incompletude (Lacan, 1958/1998; 1960/1998). Assim, a sexualidade não é determinada pela anatomia, mas pelas operações simbólicas que estruturam a posição subjetiva.

A partir dessa concepção, Lacan formula as fórmulas da sexuação, demonstrando que as posições masculina e feminina correspondem a modos distintos de relação com a função fálica

e com o gozo, e não ao sexo biológico. Do lado masculino, situa-se o sujeito submetido à lógica fálica e à castração; do lado feminino, uma posição não-toda, que comporta um gozo suplementar, não totalmente simbolizado (Lacan, 1972-73/2008). Essa formulação evidencia que as posições subjetivas na sexualidade são construídas a partir da relação com a linguagem e com o desejo.

Em articulação com essa perspectiva, Freud compreende a sexualidade a partir de posições ativa e passiva que não se vinculam diretamente ao sexo anatômico, mas às formas de relação com o objeto e de satisfação pulsional (Freud, 1905/1972; 1915/1996). Retomadas por Lacan, essas formulações evidenciam que os vínculos amorosos são atravessados por fantasias, identificações e processos inconscientes, não podendo ser explicados exclusivamente pelo sexo ou gênero dos parceiros. Nesse sentido, a violência conjugal pode manifestar-se em diferentes configurações relacionais, incluindo as relações homoafetivas femininas, que também podem envolver experiências de controle, ciúme, dependência emocional e agressões, embora frequentemente permaneçam invisibilizadas por concepções heteronormativas que associam a violência apenas às relações entre homens e mulheres (Grossi, 2000; Pasini & Terto Jr., 2019; Prado & Machado, 2021).

Esses achados evidenciam que a violência conjugal não se restringe a casais heterossexuais, manifestando-se igualmente em relações homoafetivas femininas. Entretanto, tais experiências permaneceram por longo tempo à margem das estatísticas oficiais e do debate público, o que contribuiu para sua invisibilidade social.

Diante desse cenário, a presente pesquisa propõe-se apresentar a violência em relacionamentos homoafetivos femininos, os tipos e as consequências para a violência e o que difere das relações heteronormativas.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão integrativa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, voltada à compreensão da violência em relacionamentos homoafetivos femininos a partir de uma perspectiva psicanalítica. Este estudo possibilita sistematizar o conhecimento produzido sobre determinado fenômeno, identificar lacunas teóricas e metodológicas, bem como sustentar novas interpretações a partir do diálogo crítico com a literatura existente (Gil, 2019).

A busca dos estudos foi realizada em bases acadêmicas como CAPES, SciELO e Semantic Scholar, sendo complementada por busca livre no Google Acadêmico, estratégia adotada em razão da escassez de produções indexadas especificamente sobre violência em relações entre mulheres. Na busca livre, foram utilizadas expressões como “violência conjugal em mulheres lésbicas”, “violência contra mulheres”, “violência entre mulheres”, “artigos sobre psicanálise e violência contra mulheres” e “violência em casais lésbicos”, o que possibilitou ampliar a sensibilidade da revisão e acessar estudos relevantes não facilmente localizados apenas pelos descritores tradicionais. Nas bases indexadas, foi utilizado os descritores booleanos “violência conjugal”, “psicologia”, “relacionamentos homoafetivos femininos”, “violência doméstica”, “casais lésbicos” e “violência entre mulheres”, combinados por operadores AND e OR.

Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2025, disponíveis na íntegra, todos de plataforma científicas de artigos aprovados no comitê de ética e com revisão por pares, que abordassem violência em relações afetivo-sexuais entre mulheres, especialmente estudos que apresentassem casos, denúncias, registros institucionais, relatos de vivências ou discussões articuladas às teorias de gênero, sexualidade e subjetividade. Também foram valorizadas produções que possibilitasse diálogo com a perspectiva psicanalítica na etapa de discussão.

Foram excluídos estudos que, embora relacionados à temática da violência contra mulheres, apresentavam foco predominante em áreas médicas, epidemiológicas ou biomédicas, especialmente pesquisas sobre trauma físico, lesões, violência obstétrica, saúde sexual, ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), atendimentos de urgência e indicadores de saúde pública sem recorte relacional específico. Também foram excluídos estudos de teses, de dissertações, de livros e artigos com ênfase em Psicologia Positiva, bem-estar, qualidade de vida, coping, resiliência e saúde mental geral da população LGBTQIA+, quando não abordavam diretamente a violência nos vínculos amorosos entre mulheres.

Ao todo, foram identificados 19 estudos potencialmente elegíveis. Após exclusão de 2 registros duplicados ou com sobreposição temática, permaneceram 17 estudos para triagem. Na leitura dos títulos, um artigo foi excluído, principalmente por apresentarem enfoque em áreas médicas, enfermagem, saúde coletiva ou estudos sobre bem-estar e qualidade de vida sem relação direta com violência conjugal entre mulheres. Restaram 16 estudos para leitura dos resumos.

Na etapa seguinte, oito artigos foram excluídos após leitura dos resumos, por não contemplarem o recorte específico de violência em relações homoafetivas femininas, por privilegiarem apenas indicadores de saúde, ou por não apresentarem articulação com casos, denúncias, dinâmicas relacionais ou referenciais de gênero e subjetividade.

Assim, oito estudos foram selecionados para leitura na íntegra. Após essa etapa, 4 artigos foram excluídos, sendo a maioria revisões narrativas, estudos com foco ampliado em violência LGBTQIA+ (lésbica, gay, bissexual, transsexual, queer, intersexual, assexual +) sem especificidade para mulheres ou pesquisas sem aprofundamento das dinâmicas conjugais. Ao final, 4 artigos compuseram a síntese qualitativa dos resultados de critérios de inclusão, voltados em resultados de denúncias e fatores de violência: Alencar, Ramos e Ramos (2018),

Santos, Freitas e Ceara-Silva (2019), Amaral, Frayman e Rios (2023), e Buffara e Klanovicz (2025).

Para aprofundamento interpretativo da discussão, foram mobilizados textos psicanalíticos clássicos e contemporâneos, com destaque para Lacan (2008), Sanches e Sei (2018) e Kuss (2023), utilizados como referencial teórico complementar na análise dos fenômenos de dependência afetiva, medo da falta, solidão estrutural e permanência em vínculos violentos.

O processo de seleção e organização dos estudos foi conduzido em quatro etapas. Na primeira etapa, correspondente à identificação, realizou-se o levantamento inicial das produções nas bases de dados, seguido da verificação e exclusão de registros duplicados. Na segunda etapa, referente à triagem, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, aplicando-se os critérios de exclusão previamente definidos.

Na terceira etapa, denominada elegibilidade, os textos selecionados foram analisados na íntegra, sendo mantidos apenas aqueles que atenderam integralmente aos critérios de inclusão estabelecidos. Por fim, na etapa de inclusão, elaborou-se uma tabela contendo informações como autoria, objetivos, metodologia, principais resultados e conclusões, possibilitando a realização de uma síntese qualitativa dos estudos finais selecionados.

A Figura 1 foi organizada dentro do modelo do fluxograma Prisma e foi descrita acima, apresentando os passos dessa pesquisa de TCC, mostrando o “n” da primeira pesquisa realizada, utilizando os descritores booleanos, que foi a identificação dos artigos, depois a triagem dentro dos critérios de inclusão, em seguida mostra como foi feito a elegibilidade dos textos pesquisados e por fim, os que foram selecionados para responder o objetivo.

Figura 1

Diagrama de Fluxo



Finalmente, 4 artigos foram classificados para a produção da síntese qualitativa para responder os resultados, a seguir são apresentados no quadro:

Resultados

A Figura 02 apresenta os artigos selecionados para responder os objetivos que propõe-se apresentar a violência em relacionamentos homoafetivos femininos, os tipos e as consequências para a violência e o que difere das relações heteronormativas desse trabalho de conclusão de curso, sendo o título do artigo, autores e ano, objetivo, metodologia, resultados e conclusão resultados, a disposição dos artigos na figura seguem em um recorte temporal de 2018 a 2025.

Figura 02

Título do artigo	Autores e ano de publicação	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: Registros da Invisibilidade	Alencar, R. S.; Ramos, E. M. L. S.; Ramos, M. F. H. (2018)	Analisar a ocorrência de violência doméstica em relações entre mulheres a partir de registros formais.	Estudo quantitativo, exploratório-descritivo, com análise documental de boletins de ocorrência (2011–2015).	Evidencia ocorrência de violência em relações lésbicas, com predominância de violência psicológica e presença de violência física. Identifica subnotificação e baixa visibilidade institucional.	A violência entre mulheres é um fenômeno existente, porém invisibilizado, o que compromete sua identificação e enfrentamento.
Violência conjugal lésbica: relatos de assistentes sociais	Santos, N. C. R.; Freitas, R. C. S.; Ceara-Silva, G. L. (2019)	Compreender como a violência em relações lésbicas se apresenta na prática profissional.	Pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com assistentes sociais.	Identifica presença da violência nos serviços, porém marcada por invisibilidade, dificuldades de reconhecimento e barreiras institucionais	A violência é atravessada por discriminação e demanda capacitação específica dos serviços de atendimento.

				associadas ao preconceito.	
Toxicidade e Violência entre Mulheres: um estudo exploratório das vivências abusivas em casais lésbicos	Amaral, B. F.; Frayman, L.; Rios, M. C. (2023)	Investigar experiências de relações abusivas entre mulheres.	Estudo qualitativo, exploratório, baseado em relatos de vivências.	Evidencia dinâmicas de controle, manipulação emocional, dependência afetiva e dificuldade de reconhecimento da violência pelas vítimas. Predomínio de violência psicológica.	A violência em relações entre mulheres envolve processos subjetivos complexos e frequentemente não é reconhecida como tal.
Violência doméstica entre mulheres: o debate de uma história de invisibilidade	Buffara, J. M.; Klanovicz, J. (2025)	Analisar a produção científica sobre violência doméstica entre mulheres.	Revisão de literatura em bases acadêmicas.	Aponta escassez de estudos, invisibilidade estrutural e dificuldades no reconhecimento social e institucional da violência.	A invisibilidade é um fator central que limita tanto a produção de conhecimento quanto o enfrentamento do fenômeno.

O primeiro estudo, “Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: Registros da Invisibilidade”, de Alencar, Ramos e Ramos (2018), investigou a ocorrência de violência doméstica em relações entre mulheres a partir de registros formais. A pesquisa foi de natureza quantitativa, com delineamento exploratório-descritivo, realizada por meio da análise

documental de boletins de ocorrência registrados entre os anos de 2011 e 2015. Os dados analisados evidenciaram a presença de violência em relações lésbicas, com predominância da violência psicológica, embora também tenham sido identificados casos de violência física. Além disso, o estudo apontou a existência de subnotificação e baixa visibilidade institucional desses casos, indicando dificuldades no reconhecimento dessa forma de violência. Ramos et al. (2018) destacam que, apesar de existente, a violência entre mulheres permanece invisibilizada, o que compromete tanto sua identificação quanto o desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento.

O segundo estudo, “Violência conjugal lésbica: relatos de assistentes sociais”, de Santos, Freitas e Ceara-Silva (2019), teve como objetivo compreender como a violência em relações lésbicas se apresenta na prática profissional dos serviços de atendimento. A pesquisa utilizou abordagem qualitativa, sendo realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com assistentes sociais que atuam no atendimento a mulheres em situação de violência. Os resultados evidenciaram que a violência em relações entre mulheres está presente nos serviços, porém é marcada por invisibilidade, dificuldades de reconhecimento e barreiras institucionais, muitas vezes associadas ao preconceito e à lógica heteronormativa. Os profissionais relataram limitações no preparo técnico para lidar com essas demandas, o que contribui para a reprodução de silenciamentos. Santos et al. (2019) conclui que a violência conjugal lésbica é atravessada por processos de discriminação, ressaltando a necessidade de capacitação específica dos serviços de atendimento para garantir um acolhimento adequado.

O terceiro estudo, “Toxicidade e Violência entre Mulheres: um estudo exploratório das vivências abusivas em casais lésbicos”, de Amaral, Frayman e Rios (2023), investigou experiências de relações abusivas entre mulheres, buscando compreender as dinâmicas presentes nesses vínculos. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório,

fundamentado em relatos de vivências. Os resultados evidenciaram a presença de dinâmicas de controle, manipulação emocional, dependência afetiva e dificuldade de reconhecimento da violência por parte das vítimas, com predominância de manifestações de violência psicológica. Observou-se que essas relações são atravessadas por processos subjetivos complexos, nos quais a violência muitas vezes não é identificada como tal pelas próprias envolvidas. Amaral et al. (2023) conclui que a violência em relações entre mulheres envolve dimensões subjetivas importantes, sendo frequentemente naturalizada ou invisibilizada, o que dificulta sua problematização e enfrentamento.

O quarto estudo, “Violência doméstica entre mulheres: o debate de uma história de invisibilidade”, de Buffara e Klanovicz (2025), analisou a produção científica acerca da violência doméstica entre mulheres, com o objetivo de compreender como esse fenômeno tem sido abordado na literatura acadêmica. A pesquisa consistiu em uma revisão de literatura realizada em bases acadêmicas, organizando os dados em eixos temáticos relacionados à invisibilidade, causas da violência, reconhecimento social e atuação institucional. Os resultados apontaram para a escassez de estudos sobre o tema, evidenciando uma invisibilidade estrutural que atravessa tanto a produção de conhecimento quanto o reconhecimento social e institucional da violência. Além disso, foram identificadas dificuldades no acesso aos serviços de proteção e na efetivação de direitos, bem como lacunas na compreensão social do fenômeno. Buffara (2025) conclui que a invisibilidade constitui um elemento central na manutenção dessa realidade, limitando tanto a visibilidade do problema quanto a construção de estratégias de enfrentamento.

Discussão

Com base nos artigos analisados, foi possível compreender que a violência em relações homoafetivas entre mulheres é uma realidade existente, porém marcada por invisibilidade,

dificuldades de reconhecimento e atravessada por fatores subjetivos e sociais complexos. Observa-se nos artigos selecionados que essa violência vai além de manifestações físicas, sendo predominantemente psicológica e envolvendo dinâmicas como controle, manipulação emocional e dependência afetiva. Além disso, evidencia-se que tal fenômeno está inserido em um contexto de silenciamento social, preconceito e ausência de preparo institucional para acolher essas demandas.

Em suma, as pesquisas apontam para dimensões subjetivas, inconscientes e relacionais que dialogam com a abordagem psicanalítica, especialmente no que se refere à dificuldade de reconhecimento da violência, aos vínculos afetivos ambivalentes e às repetições de padrões nas relações. Na psicanálise, a ambivalência refere-se à coexistência de sentimentos contraditórios direcionados ao mesmo objeto, como amor e ódio, cuidado e agressividade, podendo contribuir para a manutenção de vínculos marcados por sofrimento e violência (Freud, 1912/1996; Freud, 1915/1996). Já a repetição diz respeito à tendência do sujeito de reproduzir, de forma inconsciente, modos de relação, conflitos e experiências afetivas anteriormente vivenciadas, mesmo quando estas produzem sofrimento, fenômeno posteriormente denominado por Freud (1920/1996) como compulsão à repetição.

Sob essa perspectiva, Lacan (1998) destaca que o sujeito se constitui na relação com o outro, sendo atravessado por estruturas simbólicas que influenciam seus modos de se relacionar. Dessa forma, torna-se possível compreender que certos padrões relacionais, inclusive violentos, podem se repetir de maneira inconsciente, contribuindo para a permanência em relações marcadas por dependência afetiva, conflitos recorrentes e dificuldade de rompimento.

Os estudos revisados, portanto, convergem ao apontar que a invisibilidade da violência em relações entre mulheres constitui um dos principais entraves para seu enfrentamento, tanto

no âmbito social quanto institucional. Esse aspecto se articula com a dificuldade das próprias vítimas em nomear a violência vivenciada. À luz da psicanálise, tal dinâmica pode ser compreendida por meio de mecanismos como a negação e o recalque. A negação refere-se ao processo pelo qual conteúdos psíquicos dolorosos ou ameaçadores são reconhecidos apenas parcialmente, permitindo ao sujeito afastar-se de aspectos da realidade que geram sofrimento (Freud, 1925/1996). O recalque, por sua vez, consiste no afastamento de representações, desejos ou experiências incompatíveis com a consciência, que permanecem atuantes no inconsciente e podem influenciar o comportamento e as relações do sujeito (Freud, 1915/1996). Nessa perspectiva, a dificuldade em reconhecer a violência sofrida pode estar relacionada à impossibilidade de atribuir significado psíquico à experiência vivida. A elaboração psíquica corresponde justamente ao processo de simbolização e integração dessas vivências, possibilitando que sejam compreendidas e ressignificadas pelo sujeito (Freud, 1914/1996; Laplanche & Pontalis, 2001). Quando essa elaboração é dificultada, experiências dolorosas podem permanecer não simbolizadas, favorecendo a repetição de padrões relacionais marcados pelo sofrimento e contribuindo para a permanência em relações abusivas.

Diante da análise detalhada dos resultados, Alencar, Ramos & Ramos (2018) destacam que a violência em relações lésbicas se manifesta de forma significativa nos registros formais, ainda que de maneira subnotificada. A predominância da violência psicológica, associada à presença de violência física, evidencia que essas relações também são atravessadas por dinâmicas de poder e controle. Esse achado está alinhado com a compreensão de que a violência não se restringe a aspectos visíveis, mas se estrutura também em dimensões simbólicas e subjetivas, podendo ser naturalizada ou minimizada pelas próprias envolvidas.

Santos, Freitas & Ceara-Silva (2019), por sua vez, exploram como a violência em relações lésbicas aparece no contexto dos serviços de atendimento, evidenciando sua presença,

porém marcada por invisibilidade e dificuldades institucionais de reconhecimento. Essa perspectiva reforça a importância de considerar os atravessamentos sociais, como preconceito e heteronormatividade, que influenciam tanto o acolhimento quanto a própria identificação da violência. Além disso, evidencia-se a necessidade de capacitação profissional, uma vez que o despreparo dos serviços contribui para a manutenção do silenciamento dessas vivências.

Amaral, Frayman & Rios (2023), em sua investigação, apresentam as dinâmicas subjetivas presentes em relações abusivas entre mulheres, destacando elementos como manipulação emocional, dependência afetiva e dificuldade de reconhecimento da violência. Essa abordagem enfatiza a complexidade dos vínculos estabelecidos, nos quais o afeto e a violência se entrelaçam, dificultando a ruptura da relação. Sob uma perspectiva psicanalítica, tais aspectos podem ser compreendidos a partir de processos inconscientes, como a repetição de padrões relacionais, a ambivalência afetiva e a dificuldade de elaboração de conflitos internos, que se expressam na manutenção de vínculos prejudiciais.

Já Buffara & Klanovicz (2025) ressaltam a invisibilidade estrutural da violência entre mulheres, evidenciada pela escassez de estudos, pela falta de dados oficiais e pelas dificuldades de reconhecimento social e institucional. Esse cenário contribui para a manutenção do fenômeno, uma vez que aquilo que não é nomeado ou reconhecido tende a permanecer oculto. A invisibilidade, nesse sentido, não apenas dificulta o enfrentamento da violência, mas também reforça o sofrimento psíquico das vítimas, que muitas vezes não encontram espaços de validação de suas experiências.

Em Lacan (2008), as fórmulas da sexuação oferecem um eixo teórico fundamental para compreender os modos de laço que emergem nos estudos analisados, sobretudo ao situar a posição feminina na lógica do não-todo. Trata-se de um modo de relação com o gozo que não se esgota na significação fálica, abrindo espaço para um gozo suplementar, não inteiramente

capturado pela linguagem. Essa formulação permite reler os achados de Amaral et al. (2023), especialmente no que se refere à manipulação emocional, à dependência afetiva e à dificuldade de reconhecimento da violência. Quando o parceiro é investido como lugar privilegiado de amparo frente à falta, a relação pode adquirir a função de sustentação subjetiva, fazendo com que a dependência descrita no estudo ultrapasse uma leitura descritiva e passe a ser compreendida como tentativa de tratamento da incompletude estrutural do sujeito. Nesse sentido, Sanches & Sei (2018) já apontam que a manutenção de vínculos violentos exige ser pensada para além do plano manifesto, envolvendo mecanismos inconscientes, ambivalência afetiva e repetições que escapam à racionalização imediata.

Em Kuss (2023), essa problemática se adensa ao articular feminino, amor e solidão como operadores conceituais fundamentais. A autora sustenta que a solidão não se reduz à ausência concreta do outro, mas remete a uma dimensão estrutural do ser falante, vinculada ao impossível de uma fusão plena no campo do Outro. Essa perspectiva aprofunda os resultados de Amaral et al. (2023) ao permitir compreender que a dificuldade de ruptura do vínculo não se refere apenas ao medo de perder a parceira, mas ao confronto com a experiência da falta que a separação reatualiza. O medo da perda, portanto, pode ser lido também como medo do reencontro com a própria solidão constitutiva, entendida como a impossibilidade estrutural de completude subjetiva e de satisfação plena por meio do outro (Lacan, 1998), com o desamparo, conceito desenvolvido por Freud (1926/1996) para designar a condição fundamental de dependência e vulnerabilidade do sujeito diante da ausência de garantias absolutas de proteção e amparo, e com a ausência de garantias simbólicas, isto é, a inexistência de um saber ou de uma referência capaz de assegurar plenamente o amor, a permanência do vínculo ou a eliminação da falta que constitui o sujeito (Lacan, 1992; 1998). Nessa direção, o laço amoroso pode operar como uma invenção subjetiva que tenta conferir contorno ao vazio estrutural, o

que contribui para compreender a permanência em relações atravessadas por sofrimento psíquico.

A noção de gozo feminino, tal como desenvolvida em Lacan (2008) e retomada por Kuss (2023), também oferece um importante recurso para aprofundar a leitura dos dados empíricos. Não se trata de um atributo das mulheres, mas de uma modalidade de gozo suplementar, que excede a possibilidade de total simbolização. Essa perspectiva encontra ressonância nos resultados de Alencar et al. (2018) e Amaral et al. (2023), especialmente quando os estudos evidenciam a dificuldade de nomear a violência e a permanência em vínculos marcados por sofrimento. Há, nessas experiências, algo que não se traduz integralmente em palavra, permanecendo em uma zona opaca da subjetividade. Tal opacidade ajuda a compreender por que certas formas de violência psicológica persistem mesmo quando já produzem sofrimento importante: não apenas pela ação do outro, mas porque o vínculo pode funcionar como modo singular de tratamento da falta, do medo da separação e da solidão estrutural.

Em diálogo com Sigmund Freud (2011), Kuss (2023) contribui para aprofundar a compreensão sobre a permanência em vínculos atravessados por sofrimento psíquico ao articular amor, feminino e solidão como dimensões estruturais da experiência subjetiva. Freud aponta que os vínculos amorosos são marcados por ambivalência afetiva, de modo que amor, hostilidade, dependência e rivalidade podem coexistir em relação ao mesmo objeto. Já Kuss (2023) destaca que a dificuldade de separação também se relaciona ao encontro do sujeito com a própria falta e com a solidão constitutiva. Assim, o medo da ruptura não se refere apenas à perda concreta da parceira, mas também ao desamparo e ao vazio que a separação pode reatualizar. Essa perspectiva ajuda a compreender por que algumas relações permanecem mesmo quando atravessadas por sofrimento e violência psicológica.

Nessa mesma direção, Freud (1922/2011) demonstra que sentimentos como ciúme, dependência e hostilidade não pertencem apenas ao plano consciente, estando ligados a

identificações inconscientes e experiências infantis que atravessam os modos de amar e se relacionar. Ao aproximar essa formulação das contribuições de Kuss (2023), torna-se possível pensar que o vínculo amoroso pode assumir a função de sustentar o sujeito diante da falta e da solidão, ainda que produza sofrimento. Desse modo, as dinâmicas descritas nos estudos analisados, especialmente aquelas relacionadas à manipulação emocional, à dificuldade de separação e à permanência em relações violentas, podem ser compreendidas também como expressões de conflitos inconscientes e de tentativas subjetivas de lidar com a perda, a incompletude e o medo de estar só.

Sob essa perspectiva, a predominância da violência psicológica identificada na Figura 2 adquire maior densidade interpretativa. Mais do que um conjunto de comportamentos de controle ou manipulação, ela pode ser compreendida como expressão de um laço em que amor, dependência, medo da falta e impossibilidade de completude se articulam de maneira complexa. A psicanálise, portanto, contribui para deslocar a leitura do fenômeno de explicações individualizantes ou moralizantes, permitindo situar a permanência nesses vínculos no entrelaçamento entre processos inconscientes, modos de gozo e tentativas subjetivas de responder à solidão constitutiva do sujeito.

Entre os quatro estudos analisados e o referencial teórico, há um consenso sobre a existência da violência em relações homoafetivas femininas e sobre sua invisibilidade como fator central. No entanto, observa-se que cada estudo enfatiza diferentes dimensões do fenômeno, variando entre aspectos institucionais, sociais e subjetivos. Enquanto alguns estudos destacam a necessidade de melhorias nos serviços de atendimento e na produção de dados, outros enfatizam os processos internos e relacionais que sustentam a permanência na relação violenta.

Considerações Finais

Em suma, o objetivo deste estudo foi compreender a violência em relacionamentos homoafetivos femininos a partir de uma perspectiva psicanalítica, com base na análise de produções científicas sobre o tema. Os achados evidenciaram que a violência entre mulheres é um fenômeno existente, porém ainda pouco reconhecido, sendo marcado por invisibilidade social, institucional e subjetiva. Observou-se que essa violência se manifesta, principalmente, de forma psicológica, por meio de dinâmicas como controle, manipulação emocional e dependência afetiva, o que contribui para a dificuldade de identificação e enfrentamento dessas situações.

A partir da análise dos estudos selecionados, foi possível identificar que a invisibilidade desse fenômeno atravessa tanto a produção científica quanto os serviços de atendimento, refletindo diretamente na forma como essas experiências são vividas e reconhecidas. Além disso, os dados apontam para a presença de fatores sociais, como o preconceito e a heteronormatividade, que contribuem para o silenciamento dessas vivências. Ao intercruciar esses achados com a perspectiva psicanalítica, compreende-se que aspectos subjetivos, como a dificuldade de simbolização da violência, a ambivalência afetiva e a repetição de padrões relacionais, também desempenham um papel importante na manutenção desses vínculos.

Algumas limitações encontradas ao longo do estudo podem ser associadas à escassez de produções científicas que abordem diretamente a articulação entre psicanálise e violência em relações homoafetivas femininas, o que demandou o uso de referenciais teóricos mais amplos. Além disso, a quantidade reduzida de estudos específicos sobre o tema evidencia uma lacuna importante na literatura, reforçando a invisibilidade já apontada nos próprios resultados analisados.

A partir dos achados, sugere-se que futuras pesquisas ampliem a produção científica sobre a temática, especialmente no que se refere à articulação com abordagens teóricas como

a psicanálise, possibilitando uma compreensão mais aprofundada dos aspectos subjetivos envolvidos. Ademais, destaca-se a importância de investir na formação de profissionais e no aprimoramento dos serviços de atendimento, visando um acolhimento mais sensível e qualificado. Por fim, espera-se que este estudo contribua para dar maior visibilidade a essa temática, incentivando novas reflexões e intervenções que considerem a complexidade dessas relações.

Referências

- Alencar, R. dos S., Ramos, E. M. L. S., & Ramos, M. F. H. (2018). Violência doméstica nas relações lésbicas: Registros da invisibilidade. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 12(1), 174–186. <https://doi.org/10.31060/rbsp.2018.v12.n1.809>
- Amaral, B. F., Frayman, L., & Rios, M. C. (2023). *Toxicidade e violência entre mulheres: Um estudo exploratório das vivências abusivas em casais lésbicos*. ResearchGate. https://www.researchgate.net/publication/374651324_toxicidade_e_violencia_entre_mulheres_um_estudo_exploratorio_das_vivencias_abusivas_em_casais_lesbicos
- Buffara, J. M. M., & Klanovicz, L. R. F. (2025). Violência doméstica entre mulheres: O debate de uma história de invisibilidade. *Mosaico*, 18(1), 104–113. <https://doi.org/10.18224/mos.v18i1.14421>
- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: A violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310–318.
- Donovan, C., & Barnes, R. (2019). Help-seeking among lesbian, gay, bisexual and/or transgender victims/survivors of domestic violence and abuse: The impacts of cisgendered heteronormativity and invisibility. *Journal of Sociology*, 55(4), 681–698. <https://doi.org/10.1177/1440783318766219>

- Freud, S. (1972). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). As pulsões e seus destinos. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). O recalque. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). A negação. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

- Freud, S. (1996). *Inibição, sintoma e angústia*. In J. Salomão (Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 20). Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2011). Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. In P. C. de Souza (Trad.), *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920–1923)* (Obras completas, Vol. 15, pp. 209–237). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1922)
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). Atlas.
- Grossi, M. P. (2000). Rimando amor e dor: Reflexões sobre a violência no vínculo afetivo conjugal. In J. M. Pedro & M. P. Grossi (Orgs.), *Masculino, feminino, plural: Gênero na interdisciplinaridade*. Mulheres.
- Kuss, A. S. S. (2023). *Amor, feminino e solidão: Um estudo psicanalítico sobre invenções da existência* (Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: A transferência (1960–1961)* (D. D. Estrada, Trad.). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1991)
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 692–703). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 807–842). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957–1958)* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.

- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972–1973)* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). Martins Fontes.
- McClennen, J. C., Summers, A. B., & Daley, J. G. (2002). The lesbian partner abuse scale. *Research on Social Work Practice*, 12(2), 277–292. <https://doi.org/10.1177/104973150201200205>
- Nardi, S. C. dos S., & Benetti, S. P. da C. (2014). Contribuições psicanalíticas acerca da violência conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 112–125.
- Pasini, G., & Terto Jr., V. (2019). Vulnerabilidade, autonomia e redes de solidariedade: Uma análise das ações de prevenção ao HIV/Aids no Brasil. *Revista Brasileira de Psicologia Social*.
- Prado, M. A. M., & Machado, F. V. (2021). *A política da diversidade: Sexualidade, gênero e as direitas no Brasil*. Editora UFMG.
- Ristock, J. L. (2002). *No more secrets: Violence in lesbian relationships*. Routledge.
- Sanches, M. G. M., & Sei, M. B. (2018). A compreensão da violência conjugal na perspectiva psicanalítica: Uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 29(2), 10–18. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i2.54>
- Santos, N. C. R. dos, Freitas, R., & Ceara-Silva, G. L. (2019). Violência em conjugalidades lésbicas: O atendimento de assistentes sociais às mulheres em situação de violência. *Serviço Social & Sociedade*, 134, 124–141. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.169>

Sousa, N. J. de. (2020). *Violência doméstica e casais homoafetivos: A violência “invisível” entre casais do mesmo gênero* (Trabalho de conclusão de curso, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais).